



Grupo Escolar *Fulgêncio Simões* – 112 anos de história educacional

Em 1897, por ocasião da discussão, no Senado do Estado, sobre a reforma educacional, o senador Fulgêncio Simões comprovou, documentalmente, que o ensino em Alenquer “ocupava o primeiro lugar, quer quanto à matrícula, quer quanto à frequência às suas escolas”, em todo o Estado.

Como decorrência dessa importante reforma, em 1899, no governo de Paes de Carvalho (governou de 1897 a 1901), foram criados os chamados “grupos escolares”, introduzindo-se, assim, na educação paraense, um novo sistema de ensino, que reunia tanto as escolas elementares como as escolas complementares em um mesmo estabelecimento.

Fulgêncio Simões diz que Paes de Carvalho, criador dos “grupos escolares” no Estado, não hesitou em dar a Alenquer a primazia na execução da reforma, implantando as mudanças, em Alenquer, mediante dois decretos, ambos de 10 de julho de 1899:

a) o **Decreto nº 721**, extinguiu as duas escolas integrais do sexo masculino, as duas escolas integrais do sexo feminino, ambas no centro da cidade, e mais a escola elementar mista do bairro da Luanda e a escola elementar do sexo masculino do Arapiry, e, ato contínuo, criou, como sucedâneas, 1 escola complementar para o sexo masculino, 1 escola complementar para o sexo feminino, 2 escolas elementares para o sexo masculino e



Governador Paes de Carvalho

2 escolas elementares para o sexo feminino (todas na cidade), mantidas, ainda, em funcionamento, as escolas elementares do sexo masculino no Cucuí, Cuipéua, Curicaca, Paranamiry e Surubiumiry;

b) o **Decreto nº 722**, que criou o Grupo Escolar de Alenquer, “o primeiro a ser instituído no Estado”, segundo o insuspeito testemunho de Fulgêncio Simões, que não se cansa de ressaltar a primazia dada por Paes de Carvalho, neste particular, à cidade de Alenquer.

Em seguida, pela **Portaria** de 12 de agosto de 1899, Paes de Carvalho nomeou como diretor, o normalista

José Procópio Corrêa Pinto, e, pela **Portaria** de 20 de agosto do mesmo ano, foram nomeados os professores do novo Grupo Escolar: para o curso complementar do sexo feminino, a normalista Veridiana Rodrigues de Oliveira Corrêa; para o curso complementar masculino, José Rodrigues Collares, e, para os cursos elementares, os normalistas João Eutrópio Fernandes de Albuquerque, Rita Cássia dos Passos, Clara de Castro Lobo Valente e Amadeu Cezar Burlamaqui.

A instalação do Grupo Escolar de Alenquer deu-se em sessão solene realizada no dia 1º de Setembro de 1899, às 10h00 da manhã, na mansão pertencente à família de Manuel Coelho, na rua da Praia ou rua da Frente (mais tarde adquirida por Colombiano Marvão para residência de sua família, passando a ser conhecida como Grupo Velho), então arrendada pelo governo do Estado para esse fim, até ser transferido, anos depois, para o imponente prédio na esquina da rua Rosomiro Batista com a travessa Arnaldo Moraes, onde funciona até hoje.

Por alguma razão, não registrada nos anais da história, José Procópio não se fez presente à inauguração do Grupo Escolar de Alenquer. Por esse motivo, o inspetor de ensino da 12ª circunscrição escolar, o bacharel José Burlamaqui, que presidia a sessão, empossou, imedia-



tamente, em caráter interino, no cargo de diretora do grupo, a professora Veridiana Rodrigues de Oliveira Corrêa, que veio a se tornar, assim, a primeira diretora de fato do Grupo Escolar de Alenquer, permanecendo no cargo por vários anos e contribuindo, com o seu trabalho profícuo e competente, para o progresso da educação alenquerense, e, por isso mesmo, ela é muito reverenciada por milhares de alunos, professores e diretores que, em mais de um século, já perambularam os bancos e salas desse grande estabelecimento de ensino. Na sessão de instalação do Grupo Escolar, a professora

Rita Cássia dos Passos sugeriu, em seu discurso, no que foi logo secundada por todos os presentes, que ao novo Grupo Escolar fosse dado o nome do senador Fulgêncio Firmino Simões.

A sugestão foi prontamente aceita pelo governador Paes de Carvalho, que, pelo **Decreto nº 820**, de 10 de fevereiro de 1900, conferiu, ao dito Grupo Escolar, o nome do senador alenquerense. Essa denominação é até hoje mantida na mais famosa e mais tradicional escola de Alenquer, cuja sede atualmente reclama urgente e necessária restauração.

Ana Marceliano dirige a peça teatral *O Pequeno Grande Aviador*

Dentre as sete peças que o Grupo de Teatro Universitário da UFPA leva à cena entre 12 e 19 de setembro de 2011, no Teatro Cláudio Barradas, em Belém, no 1º Festival de Teatro Universitário do Pará, destaca-se, com toda justiça, o primeiro trabalho de direção da atriz Ana Marceliano – a peça *O Pequeno Grande Aviador e o Planeta Invisível*, apresentada, originariamente, no mesmo teatro, no período de 4 a 7 de agosto deste ano. Essa montagem acaba de ser selecionada para o Festival de Teatro Universitário, de caráter nacional, a ser realizado em Belo Horizonte no final de outubro do ano em curso.

Ana Carolina Marceliano Nunes (que é filha do alenquerense Laércio Pereira Nunes e da médica e contista Heloisa Marceliano Nunes), forma-se para o ano em Teatro, pela Universidade Federal do Pará. Como atriz, atuou em diversas peças, mas agora revela também o seu talento na direção da montagem que se inspira no célebre livro *O Pequeno Príncipe*, escrito por Antoine Jean Baptiste Marie Roger Foscolombe de Saint-Exupéry, nascido em Lyon, França, em 29 de junho de 1900.

A primeira edição de *O Pequeno Príncipe* é de abril de 1943. Saint-Exupéry recebeu da editora o primeiro exemplar de sua obra poucos dias antes de embarcar para a África do Norte, a bordo de um navio com tropas americanas, a fim de lutar pela França, então ocupada pelo exército alemão, na II Guerra Mundial. No dia 31 de Julho de 1944 seu avião não retornou de uma missão sobre o Mar Mediterrâneo, onde a aeronave, presumivelmente, teria caído.

Toda a obra de Saint-Exupéry é centrada em valores fundamentais e universais da vida, que fazem parte do patrimônio da humanidade: são os valores dos homens solidários, responsáveis e persistentes. *O Pequeno Príncipe* nos convida a olhar com atenção o planeta que habitamos, cheio de dádivas ofertadas pela natureza. São mimos da mãe natureza, aparentes ou escondidos, renováveis ou limitados. Mas todos eles revelam indefectíveis segredos quando os observamos com o

olhar cristalino de uma criança. Indiscutivelmente, Antoine de Saint-Exupéry resgatou a criança que existe em cada um de nós, com encanto, ética e beleza.

Segundo Ana Marceliano, a montagem de *O Pequeno Grande Aviador e o Planeta Invisível* “é uma livre, livre, muito livre, adaptação do livro *O Pequeno Príncipe*, que conta, de maneira leve e divertida, a história do aviador que cai no deserto e encontra uma criança. É um convite ao espectador para embarcar nessa viagem e encontrar a sua própria criança interior.”



Para Ives Oliveira, que assina a dramaturgia da peça, “o que se pode observar no palco é a trajetória do *Pequeno Príncipe* hibridizada à vida dos fazendeiros da cena, resultando numa quimera, num coquetel, num *pout-pourri* de forte apelo poético”.

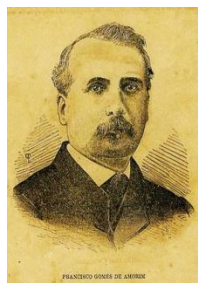
O espetáculo é pontuado também por muita música, com belas trilhas sonoras compostas e executadas pelos talentosos Luciano Lira e Armando de Mendonça, com letras da mesma dupla em colaboração com Antônia Costeseque. *O Pequeno Grande Aviador e o Planeta Invisível* conta com atores de primeira linha, mesclando artistas iniciantes com artistas de mais experiência, fator que muito contribuiu para o crescimento pessoal e profissional de toda o elenco formado por Antônia Costeseque, Armando de Mendonça, Enoque Paulino,

Ivanilde Silva, Ives Oliveira, Krishna Rohini, Leonardo Bahia, Luciano Lira, Maycon Douglas, Raissa Araújo, Rayme Renata, Rejane Lima, Renan Delmontt, Rodolpho Sanchez, Thainá Oliveira e Vitória Braun.

(Re)descobrimo Gomes de Amorim (IX) – *Reminiscências do Paraíso*

Antes de narrar o drama que tem por fundo a história do amor, aliás jamais realizado, entre o índio juruna Lourenço – cujo nome nativo era *O Cedro Vermelho* –, com a meiga, inteligente, instruída, prendada, porém independente e muito voluntariosa sobrinha do coronel Duarte, de nome Matilde, que o índio chamava, carinhosamente, de Rosa do Surubiú, Francisco Gomes de Amorim convida o leitor a empreender, juntamente com ele, uma maravilhosa e quase interminável viagem onírica àquela “templo de beleza natural”, evocando “reminiscências do Paraíso, que ele via as margens do Curumu, em Alenquer do Pará:

“Suponha o leitor complacente que alguma fada o levou adormecido através dos mares, que o fez subir o



Amazonas e o depôs brandamente numa das redes atadas debaixo das mangueiras do coronel Duarte, nas margens do Curumu. Eu acompanhei-o também, levado pela deusa da saudade. O coronel, que tem envelhecido, mas não deixou de ser amável, oferece-nos uma cuia de vinho de cacau e convida-nos para irmos caçar uma cutia. Tomamos com prazer a bebida refrigerante e partimos. É meio-dia, o calor tropical parece querer queimar os animais e as plantas. Contudo, a vegetação banha-se com delícias nos raios de sol abrasador e lança ondas de eflúvios perfumados na atmosfera ardente. Em vez de queimados ou murchos, os mais tenros arbustos demonstram no vigor e no viço que são excelentes e apropriados à sua existência e

desenvolvimento as condições em que se acham.

À medida que nos afastamos da margem do lago, vai-se tornando mais densa a floresta. As árvores grandes que na praia eram pela maior parte acácias, *Pittosporum* e das que os índios do Amazonas chamam pau-mulato (*Eucalyptus?*), começam a ser diferente, maiores e de muitas espécies. As palmeiras também se mostram mais numerosas e variadas. Imensa multidão de plantas miúdas, arbustos e cipós, associando-se com as ramarias do arvoredo, apodera-se do espaço e dificulta-nos o trânsito. O sol já rompe a custo a abóbada multicolor que nos cobre. Uma luz sombria, esverdeada pela transparência das folhas, dá maiores proporções a tudo que nos rodeia. Andados mais quinhentos ou seiscentos metros torna-se quase impossível dar um passo para qualquer lado, sem primeiro abrir caminho com os sabres ou terçados, com que antecipadamente nos armamos. Muitas das plantas que vamos cortando exalam cheiros acres, inebriantes e aromáticos, e dos golpes que lhes fizemos derramam leites nutrientes ou venenosos, água simples, açucurada, e sangue semelhante ao dos animais. De espaço a espaço encontramos pequenos riachos, poças ou pântanos, todos cheios de peixes denominados jeju ou tarauira (*Erythrinus tarauyra*), e atravessamos por cima de árvores que parecem ter caído de propósito em posição de poderem servir de pontes. Algumas destas oscilam e giram sobre si com o peso dos caçadores. Outras quebram por terem apodrecido interiormente; e em qualquer dos casos o caminhante cai no igarapé, onde toma um banho forçado, que nem sempre lhe sabe mal, mas

que também nem sempre lhe faz bem. Noutros sítios a falta dessas pontes obriga-nos a descer, escorregando pelas margens barrentas dos ribeiros, esmagando famílias inteiras de caládios maravilhosos, de gesnérias delicadíssimas e de belas marantas. Por todos os lados jazem caídos colossos enormes, titãs vegetais, que dormem o sono eterno nos braços da *Terra Mater*, depois de terem tentado debalde escalar o céu durante muitos séculos. Os corpos destes gigantes incorruptíveis continuam a alimentar milhares de graciosas orquídeas, como no tempo em que, de pé, esplêndidos de vida, se enfeitavam com elas por vaidosa ostentação. Em torno de nós ergue-se uma muralha de verdura eterna onde predominam as sapucaias (*Lecythis*) com seus frutos grandiosos e as suas rosas esbranquiçadas; as sucupiras ou sibipiras (*Bowdichia*, *Ormosia*) de púrpuras flores, os cumarus (*Dipterix*) com os seus cachos escarlates e as suas favas adorantíssimas; os angelins (*Andira*) de flores roxas; o negro acapu (*Andira aubletii*), que embota os machados de mais fina têmpera; o pau-d’arco (*Bignonia*) que inunda a floresta com o suave aroma de douradas flores, e abriga nos férreos seios os doces favos das abelhas; a itaubeira de veios escuros; a marapinima atartarugada; os cedros de duas cores; o jutai preto e vermelho; o jacarandá sanguíneo; a marapajuba excelsa... e muitas outras variedades que fora impossível notar num rápido exame, entrelaçam suas ramas, misturam seus frutos e suas flores, e lutam ao mesmo tempo com a multidão indescritível de parasitas que nelas se enroscam e que não raro as asfixiam. O açacu, a caxinduba, o arvoeiro e outras espécies leitosas encerram líquidos

pérfidos, que dariam morte horrível ao caçador sequioso e inexperiente. Centos de variedades de palmeiras alastram o chão com os seus frutos vermelhos e dourados; as seringueiras (*Syphonia elastica*) com as sua goma admirável; o cravo e a canela, com as suas preciosas cascas; a copaíba com o seu óleo medicinal; a andirobeira com o seu azeite amargo – todas nos aparecem vestidas de verdes galas, majestosas com a sua opulência tropical, oferecendo-nos os tesouros com que enriquecem a indústria, as artes, o comércio, a navegação e a ciência. E todos esses prodígios vegetais são variadíssimos nos aspectos, nas formas, nas cores, nas folhas, nas flores, nos aromas e nos frutos!

Uma rede de cipós de todas as grossuras e feitios cruza-se nos ares, sobe, desce, torna a subir e a descer, uns carregados de pomos tamanhos como melancias, outros com flores, que parecem chapéus de sol chineses! (...) Macacos de diversas grandezas, lagartos, serpentes, besouros, borboletas, colibris voam, pousam, agitam-se, passeiam sobre esses calabres, animados como eles por uma vida possante, confundindo-se com suas cores e formas. As passifloras, as baunilhas, os dólicos, as

équites, as paulíneas, a *Arauja albens*, de Martius; as bauínas trepadeiras; a japecanga, a pequena e formosa *escalônia floribunda*, de Humboldt; os abutilões de campainhas com veios púrpura; os arbustos com brácteas acarminadas, de Bougainville; as afelandras de espigas de ouro; o verde dracôntio; os potos, de folhas recortadas; as eufórbias com flores verdes e cor laranja... irrompem todas as espessura para as pequenas clareiras com uma força de vegetação prodigiosa. Em cada raio de sol que penetra pelas aberturas da esverdeada abóbada, canta volteando no éter uma vaga imensa de insetos resplandecentes, com asas de ouro e de brilhantes. Aves de vivíssimas plumagens, saltando de ramo em ramo, contemplam-nos, assim como os quadrúpedes, pasmadas e sem medo. Dir-se-ia que **evocam reminiscências do Paraíso** e que, recordando-se, parecem alegrar-se por se verem outra vez na presença do homem! Um murmúrio contínuo e intraduzível, que tem notas de rugir das feras, do cantar dos pássaros, do zumbir dos insetos, do ranger das árvores, do ciciar dos ventos e do correr das águas, ressoa em nossos ouvidos. Tudo nos anuncia,

como diz o ilustre Humboldt, um mundo de forças orgânicas em movimento, e a alma sensível e piedosa do homem que penetra nestas regiões misteriosas crê que os vagos rumores que ouve são as vozes com que lhe fala a natureza!

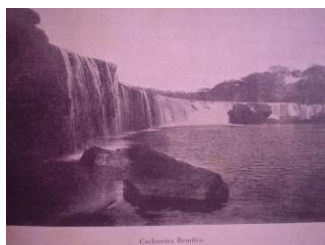
Ah! A minha pena sente-se tão impotente como o lápis e o pincel dos artistas para reproduzir com verdade o quadro, que já tentara, em vão, delinear no começo do quarto ato do drama! Que o leitor benévolo se não esqueça, ao menos de que foi dormindo que se deixou transportar ao seio da floresta e que por isso a entreviu apenas como pálida visão de um sonho."



- **Francisco Gomes de Amorim**, em *O Cedro Vermelho*, 1856, nota 2. Na trama e nas 271 notas do tomo II dessa peça teatral, Francisco Gomes de Amorim descreve, a toda hora, apaixonadamente, outros sítios, vistos dos mais variados ângulos, da riquíssima aquarela do Curumu, que parece atrair o seu olhar magneticamente. E foi assim que ele entronizou Alenquer para sempre na literatura universal.

CACHOEIRA DE BENFICA (rio Curuá de Alenquer): "Só nos apercebemos da cachoeira de Benfica quando já estávamos muito perto dela, porque uma ponta avançando pela margem esquerda e uma praia pela direita pareciam fechar o rio. A cachoeira é de um aspecto magnífico: um banco de rochedos talhados em semi-círculo atravessa o rio de um lado a outro. As coroas dos rochedos pendem por sob as cavidades inferiores que se acham encobertas pela queda d'água, e o chão dessas cavidades é juncado de calhaus e seixos multicoloridos. À montante da cachoeira, a água é perfeitamente trandamente ao se aproximar da cascata, para na catarata de cinco metros de altura. Só rente quando uma massa de espuma rata. A rocha, num ângulo reto ao pé da gotículas como foguetes para fora da cascoroa de flores como poeira luminosa. 52 segundos), a rocha central da cachoeiramente seca. Esta não é uma descrição, por mais exata que seja, ela dá apenas uma pálida idéia da realidade; você tem de ver e entender a cachoeira para dar vida à idéia..."

(OTILLE COUDREAU, *Voyage au rio Curuá*, Paris, 1903, p. 63-64, na livre tradução do editor do boletim).



quila, pura e cristalina, e corre mais rapise libertar, formando uma curva graciosa podemos perceber a velocidade da cor-verde paira na superfície e entra na cata-cachoeira, de quando em quando jorra cata e o vento reluz imediatamente uma Com um maior impulso da água (a cada ra, então coberta pela água, torna-se subit-